

# **Cultura, memória e religião em Irati, PR: narrativas sobre Albertina Nascimento dos Santos**

Culture, memory and religion in Irati, PR:  
narratives about Albertina Nascimento dos Santos

Rosenilda Kavilhuka<sup>1</sup>  
Oseias de Oliveira<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Irati, PR. E-mail: rosekavilhuka@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Dr. do Programa de Pós-graduação em História, UNICENTRO, PR. E-mail: oseias50@yahoo.com.br

## **RESUMO**      **ABSTRACT**

Este trabalho tem como objetivo o estudo e a reflexão sobre as narrativas religiosas na cidade de Irati. Localizado no estado do Paraná, este é um município no qual a população construiu, através de seu imaginário, uma santa particular, Albertina Nascimento dos Santos. Ela viveu nos primeiros anos da formação da cidade e acabou sendo interpretada como santa, discurso este que se propagou através de gerações pela transmissão da memória via relatos.

*This work has as its object of study, the religion us belief in the taun of Irati, located in the state of Paraná. This is a city in which the company has built through his imagination a saint in particular, Albertina Nascimento dos Santos, a woman who lived in the early years of the formation of the city and ended up being interpreted as a saint, a speech that survived through generations by memory transmission via reports.*

## **PALAVRAS-CHAVE**      **KEY WORDS**

cultura  
memória  
religião

*culture  
memory  
religion*

## INTRODUÇÃO

Atualmente, questões de cunho cultural, como a religiosidade popular, são amplamente discutidas em teses e trabalhos do mundo inteiro; porém é importante ressaltar que nem sempre foi assim. As questões culturais de indivíduos considerados “normais”, isto é, indivíduos sem grande representatividade no tempo e no espaço, simplificando, quem era pertencente a massa geral, nem sempre foram vistas com bons olhos perante a historiografia; é após a primeira geração da Escola dos Annales<sup>1</sup>, em 1929, que se passam a abordar novos temas, novas questões, novas perspectivas e novos indivíduos na história (BURKE, 1991).

Com a abordagem de novos assuntos, passou a existir a necessidade de implantar novas fontes historiográficas. Para elaborar uma história de sujeitos que eram vistos como insignificantes pela historiografia, sujeitos estes que na maioria das vezes não a detinham de nenhuma fonte documental escrita, passa-se a utilizar neste momento novos recursos, como a história oral, história iconográfica, entre outras abordagens (BURKE, 1992).

A utilização da oralidade como fonte historiográfica<sup>2</sup> começou a ser amplamente difundida apenas em meados dos anos de 1980, permitindo assim o surgimento de pesquisas em campos históricos que anteriormente eram considerados sem importância, como os fenômenos coletivos relacionados à religiosidade popular, ou a transmissão de relatos de fenômenos religiosos, cuja maior riqueza está no campo do subjetivo, e das ideias (FERREIRA, 1996).

Com a introdução e utilização de fontes orais para construção desses novos campos históricos, constitui-se a interdisciplinaridade entre diferentes ciências, como a junção de antropologia, já que, para se utilizar da oralidade como fonte, é necessário que o historiador faça realmente um trabalho antropológico, de desvestir-se de sua cultura, seus conceitos e seus ideais para imergir na cultura do outro e real-

---

<sup>1</sup> A Escola dos Annales surgiu com a criação da revista *Histoire Economique et sociale* em 15 de janeiro de 1929. Seus criadores foram Marc Bloch e Lucien Febvre e a intenção era de criar uma história-problema, com novos temas, novas abordagens e novos métodos investigativos.

<sup>2</sup> A transmissão da memória por relatos orais pode ser utilizada na construção da história como uma importante fonte documental (FERREIRA, 1996).

mente compreendê-lo e interpretá-lo; e da sociologia, que permite ao historiador fazer um estudo sobre a sociedade, seus valores e cultura na qual pretende se abordar.

A memória coletiva é transmitida através da oralidade. Em um primeiro momento, os acontecimentos que envolvem essa memória podem ter sido formados em um passado distante, porém todo fato ou ato ocorrido que é importante e forma um sentimento de identidade coletiva é transmitido através da fala. A memória relatada através da oralidade é parte integrante da formação da identidade do indivíduo, perante a sociedade.

Para Peter Burke (2004) a religiosidade de uma sociedade é parte integrante do sistema simbólico, segundo ele:

O terreno comum dos historiadores da cultura pode ser descrito como a preocupação como simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana. (BURKE, 2004, p. 10).

Em Irati, PR, ocorre um fenômeno religioso que adquire força através da transmissão oral. É o caso de Albertina Nascimento dos Santos, que viveu em meados de década de 1920, e foi assassinada e passou a ser vista como santa milagreira. Mas quem foi essa mulher? Por que ela em especial teria motivos para ser vista como santa? A partir de que momento ocorreu a criação desse imaginário, e como ele está sendo transmitido no decorrer do tempo?

Segundo o memorialista local José Maria Orreda (2007c), a cidade de Irati desenvolveu-se através do crescimento do vilarejo Covalzinho e cresceu graças à inauguração da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande em 1899, com cuja chegada também vieram inúmeros imigrantes. Próximo à estação ferroviária, local considerado centro da cidade no início do século XX, construiu-se a primeira capela católica do município, inaugurada com missa solene em 10 de setembro do mesmo ano.

Irati passou a ser instituída como município em 15 de julho de 1907 e, com o decorrer de pouco tempo, quase dobrou o número de habitantes, durante esses anos que cresceu e viveu Albertina Nascimento dos Santos, justamente no período de formação do município. Nos livros de história do município, seu nome é citado entre os destaques

femininos da sociedade, como professora dedicada. Segundo Orreda (2007a, p. 10):

Albertina não era professora, era mulher de professor. Porém professava. Nas constantes ausência do marido, os alunos não poderiam ficar abandonados, brincando na rua. Ela o substituíva dispensando-lhes atenções e cuidados.

Apesar de ser lembrada em termos tão respeitosos, ela é citada como a mulher então queimada, assassinada pelo marido. Contudo todo um mistério envolve a morte da professora, sendo inúmeras as narrativas para o acontecimento, narrativas estas que são recontadas no decorrer de quase um século e que acabaram compondo parte integrante da cultura religiosa de muitos habitantes da cidade.

A questão a ser indagada é como a narrativa da morte de Albertina caiu no domínio popular? Como se constituiu o imaginário de Santa, e quais os motivos que levam à perpetuação da transmissão da memória popular em torno da morte e santidade de Albertina?

Vários são os relatos, porém o que é importante no desenvolvimento do trabalho é perceber como uma história que é de cunho popular se faz presente em três gerações distintas, estes relatos vão demonstrando como a memória é transmitida através da oralidade, e como o tempo molda as narrativas as quais ganham e perdem novos contornos periodicamente.

Albertina, assim como milhares de outras mulheres, morreu jovem, assassinada, porém a distinção de ser mitificada como santa ou não está no imaginário construído e repassado através do tempo.

## **CULTURA E IDENTIDADE**

A cultura é um conjunto de símbolos e significados que são interpretados e interiorizados formando uma identidade, um pertencimento. Para Chartier (1990), a cultura não está nem acima nem abaixo das relações econômicas e sociais; todas as práticas, sejam as econômicas ou as sociais dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido ao seu mundo. Nesse contexto, podemos observar que identidade e cultura caminham juntas.

Atualmente não é possível falar em consenso e homogeneidade cultural, pois, tanto no que se convencionou chamar de cultura elitizada

como na chamada cultura popular, há variações e divisões, como por exemplo, de uma região para outra, entre homens e mulheres, entre ricos e pobres etc. Anteriormente existia a ideia de que havia uma herança ou um legado cultural pela tradição, pressupondo que a recepção do que fora dado não sofria variações. É interessante pensar que a cultura é marcada por variações, transformações, modificações, assim como a identidade humana.

Para Bourdieu (2007), a identidade permite uma construção do ser, ela se desenvolve dentro da cultura, fazendo com que os seres humanos sintam-se pertencentes e atuantes na localidade onde moram. A identidade é formada de acordo com a cultura dominante da localidade, moldada de acordo com os principais aspectos de uma determinada localidade e suas representações simbólicas. No entanto essa identidade pode ser extremamente ligada e ter um caráter afirmativo da cultura de sua localidade, como pode também existir uma negação dessa cultura.

Como podemos observar, cultura e identidade se completam. Existem inúmeros fragmentos particulares que formam uma sociedade, uma cultura, e a especificidade que este trabalho pretende discorrer é a religiosidade, elemento importante e atuante na formação da identidade e de pertencimento cultural.

## MEMÓRIA

A memória, para Pierre Nora (1993), é como se fosse uma caixa de arquivos, onde o que realmente é importante é guardado; tudo o que tem significância, datas, lugares ou acontecimentos é registrado e guardado na memória de acordo com sua respectiva importância.

Para Maurice Halbwachs (1990), toda memória é coletiva e, como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. A memória transmite uma identidade, que se perpetua nas gerações através da fala. A memória transmite a história e tudo o que é importante para uma sociedade. Nesse sentido, a história oral pode ser entendida como

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas,

visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

Segundo Jacques Le Goff (1990), a memória do passado são objetos da história e motores para seu desenvolvimento. A memória, indispensável para a construção da história oral, integra-se à história geral. A memória é capaz de trazer consigo sentimentos, riquezas de detalhes, ou até mesmo versões diferentes para certos acontecimentos. O importante da memória é que ela é capaz de preservar a cultura de toda uma sociedade, durante séculos.

A oralidade pode ser considerada de extrema importância em estudos de fenômenos coletivos como a religião, ou a transmissão de relatos de fenômenos religiosos os quais em determinados momentos não possuem de fontes documentais, porém sua maior riqueza está no campo do subjetivo, das ideias e da memória.

## **A RELIGIÃO NA NOVA HISTÓRIA CULTURAL**

Segundo Bourdieu (2007), toda a história, quer se diga econômica, social ou religiosa, exige o estudo dos sistemas de representação e dos atos que eles geram; por isso ela é cultural:

Representação do mundo no seio de um grupo humano cuja natureza pode variar – nacional ou regional, social ou política – e de que analisa a gestação, a expressão e a transmissão. Como é que os grupos humanos representam ou imaginam o mundo que os rodeia? Um mundo figurado, codificado, contornado, explicado espacialmente dominado, dotado de sentido (pelas crenças e os sistemas religiosos ou profanos, e mesmo mitos), um mundo legado, finalmente, pelas transmissões devidas ao meio, à educação, à instrução. (BOURDIEU, 2007, p. 186).

A primeira geração dos *Annales* já nos indicava um esboço sobre estudos culturais voltados à religiosidade com Marck Bloch (2005), que escreveu um livro que foi considerado marginal a sua época, *A História dos Reis Traumatúrgos*, em 1924, o qual fez um estudo das pessoas que viajavam de localidades distantes em busca de cura, através de um simples toque de um rei.

Segundo Ronaldo Vainfas (1997) em um primeiro momento com a Escola dos Annales, essa forma de investigação envolvendo o imaginário coletivo foi denominada como estudo das mentalidades, as quais visavam compreender fenômenos relativos ao campo do simbólico, especialmente os religiosos de cunho popular. Com o decorrer do tempo e com o surgimento da nova história cultural, o termo mentalidades deixou de ser utilizado; porém, os estudos nas áreas do simbólico, sobretudo as de domínio popular nunca foram deixadas de lado, apenas se reconstruíram com novas roupagens.

Vainfas (1997) reconhece esse novo espaço ocupado pelo sagrado, afirmando que a Nova História Cultural “revela especial apreço, tal como a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas [...] e sobretudo pelo popular [...] as crenças heterodoxas”. Acrescenta ainda que:

Múltipla, densa e instigante, a teia que liga as diversas religiões às diferentes e possíveis formas de religiosidades tem demonstrado ser um campo fértil para continuadas reflexões teórico-metodológicas e investigações historiográficas. (VAINFAS, 1997, p. 507).

Porém vale ressaltar que o termo religião popular não deve ser rotulado como algo inferior, ou fora dos padrões estabelecidos por religiões oficiais, especialmente ao se tratar de religiosidade popular brasileira, na qual existem inúmeros compartilhamentos de diferentes culturas que se formulam e reformulam diariamente.

É necessário superar o postulado que pressupõe “detectar a cultura do povo, na sua radical originalidade”, para que se percebam, nas práticas que as ligam, “elementos diversos, compósitos, misturados”. A religião “popular” – ressalta Chartier (1990), é, ao mesmo tempo, aculturada e aculturante: ela não é nem radicalmente distinta das religiões oficiais dos clérigos, nem totalmente modelada por ela. E, nesse sentido, configura o campo religioso brasileiro,

[...] religiosas que se amalgamaram num processo que teve, como desdobramento, a gestação de uma mentalidade religiosa média dos brasileiros em geral, independentemente da situação social em que se encontrem. [...] Essa mentalidade expandiu sua base social num determinado momento histórico, sendo incorporada ao inconsciente e ao consciente coletivos. (VAINFAS, 1997, p. 486, ).



Assim, percebe-se que, olhando profundamente a cultura brasileira e apoiando-se nos signos e na simbologia dos seus objetos - a representação da morte de Albertina consegue perpetuar maneiras de puxar os fios invisíveis da memória, tornando-se um “sistema simbólico”. Isso também está em consonância com as considerações feitas por Geertz (1978, p. 69):

[...] os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo e sua visão de mundo [...] Demonstram representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto esta visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida [...] A religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada, e projeta imagens desta ordem no plano da experiência humana.

Entre muitos conceitos sobre o tema religião, utilizaremos o formulado por Weber, uma forma entre outras de os homens se organizarem socialmente; pertencendo a uma religião, o homem está inserido em um grupo social, que divide os mesmos conhecimentos e os mesmos ideais.

Religião é um tema importante a ser estudado. Originada primeiramente da concepção de Alphonse Dupront (1988), o termo sensibilidade coletiva permite analisar um sentimento em comum de uma determinada sociedade, inclusive o sentimento religioso.

## **ALBERTINA NO IMAGINÁRIO POPULAR**

Albertina Nascimento dos Santos viveu nos primeiros anos da formação da cidade. Segundo Orreda (2007a), lecionava na ausência do marido, que era professor e presidente do Irati Sport Club em 1918, ano em que Albertina foi assassinada. Na época da sua morte, deveria ter vinte e três anos; era jovem e bela. Pertencia à alta sociedade Ira-tiense e sofria com o marido que era alcoólatra e praticava inúmeras violências contra ela, que, por ser educada conforme a moral da época, não reclamava. Era completamente submissa ao marido.

Logo após a morte de Albertina, seu túmulo passou a ser considerado como um espaço sagrado de oração. Para Mircea Elíade (2001), a

construção de espaços sagrados tem uma importante função na sociedade, afinal de contas são esses locais que ligam os homens aos deuses.

Para Elfade (2001), essa construção do espaço sagrado está ligada a um ato de hierofania, ou seja, um acontecimento que não pode ser explicado através das ciências constituídas neste mundo, corresponde ao sobrenatural, ao indecifrável. Após a morte de Albertina e a sacralização de seu túmulo como espaço sagrado, iniciou-se a construção de um imaginário coletivo que ganhou força e representação através de cultos naquele espaço.

Com as narrativas, podemos observar inúmeras hierofanias, tendo, como ponto de partida para a santificação de Albertina, sua morte. Podemos perceber através das entrevistas o mistério que envolve o acontecimento<sup>3</sup>; Elza Mendes Camargo, em entrevista concedida, relata:

[...] eu não sei muito sobre a morte dela só sei o que minha mãe falava, que o marido dela a matou e depois incendiou a casa, o corpo carbonizou mas os braços que estavam amarrados à cama não. Deus fez isto para mostrar que o marido a havia assassinado.

Na narrativa do Sr. Vitor Rebesco<sup>4</sup>, podemos observar outro relato que demonstra o ato de hierofania, o mistério envolvendo a morte de Albertina,

O marido a matou. Primeiro matou e depois pôs fogo na casa. Cometeu o crime por ciúmes de ela ser professora, mas o corpo dela não foi carbonizado. O fogo não queimou nem a cama onde ela foi morta, recorda. Rebesco acrescenta que Albertina tinha cerca de 23 anos quando morreu e que foi seu avô que prendeu o marido.

Orreda (2007a) dá uma terceira narrativa para morte de Albertina, segundo ele

[...] foi nesse ano de 1918, em junho, que um incêndio despertou e iluminou a noite da rua XV de Julho, nas imediações do Clube do Comércio, lado oposto da rua, Albertina havia sido morta pelo marido que, para encobrir o bárbaro ato, insano sobretudo, colocou fogo na casa. Tudo por ciúmes. Aquele que trai sente-se traído.

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Elza Mendes Camargo, em 10 de dezembro de 2012, à entrevistadora Rosenilda Kavilhuka.

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 12 de novembro de 2012, à entrevistadora Rosenilda Kavilhuka.

Dizia-se que ela foi queimada viva. Seu corpo ficou petrificado. (ORREDA, 2007a, p. 10).

Para o pensador francês René Girard (1998), o sagrado tradicional é sacrificial em grande medida, pois é a morte real ou simbólica que sacraliza o bode expiatório, distanciando-o em relação ao mundo cotidiano. Seguindo o pensamento de Girard, a morte de Albertina é vista como um sacrifício, um ato sagrado; todos sentem pena da sua dor. Joselis relata como é vista Albertina, uma mulher simples e comum, uma professora, dona de casa dedicada, que foi brutalmente assassinada.

Orreda nos oferece um ponto de vista diferente, segundo o qual tudo começou quando as meninas estudantes do colégio normalista passaram a fazer pedidos em seu túmulo para que conseguissem tirar notas boas em provas. As meninas cresceram e continuaram a fazer pedidos no túmulo de Albertina<sup>5</sup>. Dona Maria (nome fictício, depoente que não quis se identificar), por motivos pessoais em entrevista nos relata:

Eu era menina, lembro que eu ia fazer pedido pra ela que era professora, toda a vez quando tinha prova, e sempre tirava notas boas, depois que cresci continuei fazendo pedidos a ela, meu marido não acredita, mal sabe ele que, nos piores momentos dos nossos longos anos de casamento, foi Albertina que resolveu os nossos problemas.

Com o relato de Dona Maria, podemos observar que o ato de rezar para Albertina, teve início em sua infância e percorreu toda sua vida. Em continuação à entrevista, ela relata qual o milagre mais importante que Albertina fez em sua vida:

Eu já estava casada há um bom tempo, e não conseguia engravidar, o casamento já não ia bem, meu marido já estava me chamando de falhada, aí eu comecei a fazer uma novena com muita fé para Albertina, ela como mulher me entenderia e, no ultimo dia da novena, já comecei a sentir enjoos e tonturas; resultado: nove meses depois eu estava com meu menino no colo, tive ainda mais dois filhos.

Dona Maria continua:

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida em 15 de novembro de 2012, à entrevistadora Rosenilda Kavilhuka.

Desde pequenos eu sempre os levei comigo para rezar no túmulo da Albertina, apesar do pai deles não gostar muito da ideia eu os levava escondido, para que meu marido não brigasse comigo, ele dizia que era tudo coisa da minha cabeça, mas eu sei que não era.

Neste relato de dona Maria, podemos observar como as narrativas continuam sendo difundidas através do tempo. Ela repassa seus conhecimentos, seus valores e sua memória para seus filhos, que, segundo conta, continuam a rezar até os dias atuais no túmulo de Albertina. Dona Elza, assim como os filhos de Dona Maria, aprenderam a respeitar e valorizar Albertina como santa através da memória transmitida pelos pais.

Durante o período de finados, o túmulo de Albertina é o mais visitado na região, porém existem cultos que são feitos durante o ano todo e que ajudam a manter viva a representação sobre a santidade de Albertina; Eliane<sup>6</sup>, outra depoente: “Eu minha mãe e mais algumas senhoras do grupo de oração costumamos fazer novenas duas vezes por mês no túmulo dela, é muito bom, a gente sai com um enorme sentimento de paz”.

## FINADOS

O túmulo de Albertina Nascimento dos Santos, morta em 1918, é o mais visitado. Muitos acreditam que ela realiza milagres. De acordo com o zelador, Estevan Martins dos Santos, que trabalha desde 1994 no cemitério, o túmulo de Albertina Nascimento dos Santos é o mais visitado. Ela é conhecida como a mulher queimada, a quem os alunos em certa época, e agora o povo, solicitam milagres”, diz o texto de Orreda (2007b), na Revista Educação.

Ao observarmos a narrativa de Adriele Teixeira<sup>7</sup>, 22 anos, visualizamos as tendências futuras. As novas roupagens que o período histórico está moldando é uma narrativa bem diferente para o mesmo acontecimento:

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Eliane de Mattos Taborda, em 25 de outubro de 2013, à entrevistadora Rosenilda Kavilhuka.

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Adriele Teixeira, em 18 de janeiro de 2013, à entrevistadora Rosenilda Kavilhuka.

Eu vou ao túmulo de Albertina desde quando era criança, sei que o marido dela era policial e que a matou e colocou fogo na casa, minha mãe me contou que ela estava grávida, e eu que estou grávida no momento me encho de dor; afinal as crianças são anjos, não deveriam morrer. Sempre soube que ela ajuda muita gente, por isso estou pedindo para que ela me ajude na hora do parto. Sei também que ela não ajuda policiais.

O relato de Adriele demonstra como a memória vai se configurando através do tempo, ela é jovem, é uma terceira geração a escutar o relato sobre a morte de Albertina; o que não muda é a fé e a crença de que Albertina estará lhe ajudando em seus momentos difíceis. De fato a única semelhança nos relatos sobre a morte de Albertina é a fé que todas as narrativas transmitem.

## APONTAMENTOS FINAIS

Albertina foi uma mulher comum, como tantas outras no seu período, o mistério que envolve a sua morte, a falta de documentação escrita, e até mesmo o receio de moradores mais antigos da cidade em falar sobre Albertina é que a transforma em santa.

Podemos observar que existem inúmeros relatos que formam a construção do imaginário que formulam Albertina como Santa Milagreira, Entretanto mais importante do que os relatos sobre a forma de como se deu a morte de Albertina, é o fato de que as pessoas realmente acreditam que ela é milagreira e ajuda em problemas; isto está na cabeça e na crença das pessoas.

A crença e a construção simbólica da fé são rodeadas de inúmeros mistérios. Vale ressaltar sobre as narrativas a transformação de um espaço comum em um espaço sagrado, a construção do imaginário e a formação de uma santa.

Não nos cabe julgar se, nesses infinitos relatos, existe algo verdadeiro ou não. O importante é perceber como um discurso coletivo popular tem poder de percorrer um século e continuar se fortalecendo através de novas roupagens. Como já citado, a fé das pessoas é infalsificável; elas realmente acreditam que existiu um milagre, e que Albertina está pronta ajudar.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- BLOCH, M. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BURKE, P. *A escola dos Annales – 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DUPRONT, A. Antropologia religiosa. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- ELÍADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, M. M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- NORA, P. *Entre memória e história: a problemática de lugares*. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC, 1993.
- ORREDA, J. M. *Educação e saúde*. Irati, PR: [s.n.], 2007a. (Coletânea Irati Cem Anos, n. 6).
- \_\_\_\_\_. Irati: educação. *Revista Educação*, Irati, PR, n. 6, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *História*. Irati, PR: [s.n.], 2007c. (Coletânea Irati Cem Anos, n. 8).
- VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.